



NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE



ANO III

Nº. 9

EDIÇÃO DA

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

Sociedade Amigos de Brusque

Fundada a 4 de Agosto de 1953

Reconhecida de utilidade pública:

Lei Estadual nº 1162 de 12 de novembro de 1954

Lei Municipal nº 73 de 9 de março de 1954

C. G. C. 82 723 933/0001

Sede própria: Avenida Otto Renaux — Caixa Postal, 27

88350 - BRUSQUE — Santa Catarina

Mantenedora do MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM

Notícias de "Vicente Só"

BRUSQUE — ONTEM E HOJE

Revista de cultura histórica do Vale do Rio Itajaí-Mirim

Registrada sob nº 02 no Livro de Registros de Pessoas
Jurídicas em Brusque, Santa Catarina

Publicado trimensalmente sob a responsabilidade da

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

DIREÇÃO: AYRES GEVAERD

Composta e impressa na Oficina da Fundação "Casa Dr. Blumenau"

NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE-ONTEM E HOJE

Ano III

Janeiro, Fev. e Março de 1979

Nº. 9

Sumário

	Página
OS DIFÍCEIS DIAS DA COLÔNIA PRÍNCIPE DOM PEDRO Ayres Gevaerd	2
CAPÍTULO DE FUNDAÇÃO DO SEMINÁRIO DE AZAMBUJA Aloísius C. Lauth	11
HISTÓRICO DA COMUNIDADE EVANGÉLICA DE BRUSQUE Continuação - Pastor Werner Brunken	20
Reportagem - DUAS VISITAS MEMORÁVEIS: DOM DUARTE LEOPOLDO E GOVERNADOR GUSTAVO RICHARD	28

CAPA: Concepção e gentileza de Wolfgang L. Rau
Clichê — Avenida Cônsul Carlos Renaux em 1930.

Os difíceis dias da Colônia Príncipe Dom Pedro

AYRES GEVAERD

No dia 4 de agosto de 1960, desfraldou-se pela primeira vez, em Brusque, oficialmente, a Bandeira da Polônia. Os brusquenses prestavam então homenagem aos países que contribuíram para a colonização do vale do Itajaí Mirim, há 100 anos: Alemanha, Itália e Polônia. No banquete oficial comemorativo realizado naquele mesmo dia, representando o Ministro Plenipotenciário da Polônia no Brasil, integrante da Comissão de Honra das comemorações do Centenário, achava-se presente o sr. Piotr Glovacki, Cônsul em Curitiba. Ainda como parte das comemorações, no dia 30 de julho sob os auspícios da Sociedade Amigos de Brusque e da Secretaria de Cultura de Santa Catarina, foi instalada a Exposição do "Cartaz Polonês".

A "Superintendência das Comemorações do centenário da imigração polonesa no Paraná" festejou condignamente, em 1971, a chegada dos primeiros poloneses naquela Província, oriundos da Colônia Príncipe D. Pedro, então sob a mesma administração da Colônia Itajahy — Brusque.

Em 1957, quando o consagrado historiador catarinense Dr. Oswaldo R. Cabral reunia documentos para o livro "Brusque — Subsídios para a história de uma Colônia nos tempos do Império", pouco ou quase nada se encontrou relacionado com os polone-

ses no Vale do Itajaí Mirim. Em 1962, no IRASC, antigo Departamento de Terras e Colonização, foram encontrados dois maços com documentos de administrações da malograda Colônia Príncipe Dom Pedro, que permitiram, não completar, mas trazer melhores esclarecimentos com relação aos colonos de "16 lotes".

O arquivo da Prefeitura de Blumenau contribuiria com outra parcela, remetendo para a Sociedade Amigos de Brusque livros que pertenceram ao 2º. Distrito do Comissariado de Terras e Colonização, nos quais se encontram muitos registros de requerimentos que esclarecem a situação dos poloneses no Lajeado Grande, perto de Porto Franco, hoje Botuverá.

Finalmente buscas feitas nos Registros da Igreja Católica local serviram para dar novas luzes a aspectos até agora sem solução, complementados por relatos de pessoas idosas residentes em Botuverá.

Duas designações, "16 lotes" e "Cemitério dos Polacos", foram pontos importantes a requerer explicações, mais profundas e servindo, como se verá, para esclarecer a exata localização dos primeiros poloneses que iriam estabelecer-se em Pilarzinho, no Paraná, em 1871.

Em agosto de 1869, quatro

meses antes da anexação do território da Colônia Príncipe Dom Pedro (I) à "Itajahy - Brusque", chegaram e foram instalados em uma Linha Colonial os primeiros colonos de origem polonesa em número de 94 (2) e em Setembro seguinte mais 22. A extensão dessa Linha, quase toda demarcada pela Administração, compreendia Lajeado, Porto Franco e Ribeirão do Ouro com sede em Porto Franco, em grande parte ocupada por italianos originários do Norte da Itália.

A leva de poloneses instalou-se no lugar "16", situado no ribeirão do Porto Franco, margem direita do rio Itajaí Mirim. Região montanhosa como é toda a Linha colonial citada, com poucas áreas realmente boas para lavoura, era, ao tempo, rica em madeiras de lei, riqueza que lhes iria dar sérios embarços.

O colono italiano, cuja inclinação para o amanhã da terra não era o forte, tratou de aproveitar a mata, instalando engenhos, cujo número se multiplicava rapidamente. A quantidade dos engenhos era facilitado pelos muitos cursos de água, comuns em terras montanhosas como é a região do médio e alto vale do Itajaí Mirim. Não satisfeitos com a mata existente em seus próprios lotes, a maioria dos donos de engenhos de serra invadia a do vizinho mais próximo.

Em face do que ocorria, os poloneses, mais inclinados ao aproveitamento do solo, reclamaram à administração colonial, que advertia severamente os infratores. Os diretores João Detzi e Luiz Betim Paes Leme lamenta-

vam as irregularidades em simples ofícios e nos relatórios anuais e até especiais.

As melhores terras foram tomadas, logicamente, pelos colonizadores germânicos, os primeiros a chegar à Colônia Brusque. Na Príncipe Dom Pedro, boas terras existiam no vale do Cedro e mais longe no vale do Tijucas. A área maior, como já citei, era acidentada, montanhosa, de difícil aproveitamento para uma lavoura que permitisse a subsistência e o comércio com o produto excedente. A mata foi, assim, o recurso extremo de muitos colonizadores. Mas o aproveitamento foi desordenado, sem planejamento, impossível, é verdade, em região primitiva como era então, ser cuidada pelos administradores.

Os poloneses, objeto de nossa crônica histórica, além das pressões que sofriam com as frequentes incursões de seus vizinhos, dotados, provavelmente, de melhores recursos técnicos, reclamavam do diretor o mesmo tratamento dispensado a outros emigrantes, italianos, irlandeses e franceses, estes dois últimos instalados nas proximidades da Colônia Brusque, Águas Claras. Em suma, queriam sossego, uma Escola e uma Capela.

Desgraçadamente, a Colônia Príncipe Dom Pedro, desde seus primeiros dias, não foi feliz. Seus primeiros povoadores, ingleses e irlandeses, não possuíam condições mínimas para colonização, apesar do auxílio que lhes dispensava o Governo: dinheiro, alimentação, material agrícola, além de assistência religiosa e médica. Não procediam diretamente de

suas Terras; não obedeciam a um sistema colonizador organizado e consciente. Foram, quase todos, recolhidos nos E.U.A., em Nova York, e, segundo documentos mais precisos, vivendo ociosamente.

O comportamento deles na nova Colônia era a continuação de seu "modo de viver" nos Estados Unidos. Como se isto tudo não bastasse, outro grupo, menor, contribuía para o agravamento dos males da Colônia, o francês, instalado em Tomás Coelho e Cedro Alto. Em virtude da ociosidade quase total desses colonos, os atritos eram frequentes, deixando as administrações em constante sobressalto. Em menos de 3 anos, por exemplo, 5 diretores se sucederam, levando o Governo Provincial, depois de gastar somas enormes, a anexar a Colônia à administração da Colônia Brusque.

A situação era, pois, insegura, para todos os colonos, exclusiva para determinado número de italianos, que garantiam seus dias com o aproveitamento da madeira e mais tarde com o calcáreo.

Posição insustentável para os nossos poloneses, vivendo dias cada vez mais atribulados: pressão dos donos de engenhos de serra; a vizinhança incômoda de "Rodges Road"; a falta de escola e de uma Capela; a frequente presença de bugres, tormento também de outros colonos.

Certo dia, chegaram a "16 lotes" notícias da Província do Paraná: interesse do Governo Provincial, em abrir novos rumos colonizadores, em terras cujas con-

dições eram conhecidas como excelentes. Emissários foram enviados, sabe Deus com quantos sacrifícios, pois não tinham meios de locomoção, seria a pé! Em Curitiba, com credenciais necessárias, cuidariam da transferência de todos os colonos de "16 lotes", ansiosos por trabalho que lhes garantisse o porvir, sem encargos pesados e sobressaltos.

Sebastião Edmundo Saporski (3) seria o intermediário de seus patrícios. Reunia condições especiais que o caracterizavam como um guia seguro e decidido. Saporski solidarizou-se com a sorte de seus compatriotas.

A crônica histórica não registra, diretamente, a presença do guia na Colônia Príncipe Dom Pedro. Mas, para um trabalho de tal envergadura e responsabilidade, Saporski deve ter cuidado pessoalmente da transferência e dos primeiros serviços em Pilarzinho.

O processo do transporte é ignorado. Creio, como o mais lógico, a saída de todo o grupo de uma só vez, em canoas, até o Itajaí, e, desse porto em navio até Antonina. Do porto até Pilarzinho, em Curitiba, em carroças.

Os dois anos da presença da primeira leva de poloneses no médio vale do Itajaí Mirim, em "16 lotes", ficaram ligeiramente registrados nos livros e documentos da administração. Mas, na Igreja Católica local encontram-se anotações dos vínculos com a terra, profundos, sentimentais: o "Cemitério dos Polacos", em Príncipe Dom Pedro.

A partida para outra região, mais promissoras, lhe daria espe-

ranças; mas os olhos velados por lágrimas ficariam voltados para a Colônia que não os recebeu como realmente mereciam. Sairam para sempre, deixando a saudade e a ternura no pequeno cemitério. (4)

De conformidade com o documento de 14 de agosto de 1871 (5) o êxodo dos poloneses da Colônia Príncipe Dom Pedro fora total. Com relação ao seu número, há uma pequena diferença, justificada pela maior ausência de registros oficiais.

Depois de 1872, não existem anotações específicas, acusando a presença de colonos poloneses. Em 1888, o engenheiro chefe da Comissão de Medição e colocação de imigrantes nas colônias Dom Pedro e Itajay — Brusque, Dr. Reginaldo Cândido da Silva, registra em seu relatório, 26 poloneses, católicos.

Presumo que a chegada de novos colonos, verificou-se entre 1888 a 1890, em grande número, originários de várias regiões da Polônia, entre outras, Moava, Tomachow, Borupia, Lodz e possivelmente, poucos, de algum núcleo colonial no Brasil.

A instalação verificou-se nas linhas Lajeado, Porto Franco, Ribeirão da Areia, Ribeirão do Ouro, no vale do Itajaí Mirim; Morro dos Polacos e no vale do Tijucas nas linhas Boa Esperança e Fraternidade, entre outras. Refiro-me somente ao território da antigo Colônia Príncipe Dom Pedro.

Para a linha Guabiruba do Norte, 1a. seção do Distrito de Gaspar, território da Colônia Ita-

jaí — Brusque em 1890, foram destinados colonos de origem germânica vindos de Lodz entre outros, Francisco Kreibich, Carlos Petermann, Thomaz Orcimovscki, João Kammerlinde e Guilherme Kurtz.

Os artesões de Lodz como seriam conhecidos mais tarde os poloneses instalados em Guabiruba e outros ainda, chegados poucos anos depois, merecem cuidados especiais na história da indústria têxtil brusquense.

Em princípios de 1896 chegaram 106 imigrantes russo — poloneses, aos cuidados da Agência de Colonização na Vila de Brusque, previamente destinados para o Ribeirão do Ouro, Lajeado Grande, Pinheiral (Nova Trento) e Fábrica de Tecidos de Carlos Renaux.

Acredito que, com base em registros da Agência de Colonização Geral de Terras, 2º. Distrito, a leva de 1896 foi a última originária da Polônia para o Itajaí Mirim.

Nos anexos (6) anoto os nomes de um grande número de poloneses entrados nos anos 1888 a 1890 e respectivas linhas coloniais, para possibilitar pesquisas por parte de descendentes, com relação ao destino de seus maiores e identificação dos nomes de família com as existentes e identificadas com a vida brusquense.

Nos aludidos livros encontram-se termos de requerimentos de colonos poloneses requerendo terras e condicionando pagamentos em prestações nas linhas Ribeirão Miguel, Ribeirão Francês e Ribeirão Joaquim, todas na ex-Colônia Luiz Alves. Alguns sobrenomes: Mi-

chalack, Toleck, Himoscki Ludowski, Vanzeski, Kangerski, Ligner, Lipinski, Gravaliski, Malinski, Ostrowski, Grabowski, Psebeski, Rinckiaawiki, Vitachick, Vrobewski, Poleski, Hernaski, Czaplinski, Krochiski, Czaplinski, Terakowski, Kolombinski.

Reconheço que o registro desses colonos nada tem a ver com os poloneses de Príncipe Dom Pedro. Lembro os requerimentos e os sobrenomes na esperança de interessar aos estudiosos da colonização polonesa no sul do Brasil. Edmundo Gardolinski, que publicou excelentes crônicas históricas do jornal "Diário de Notícias" de Porto Alegre, em 1961, e que aqui esteve, há alguns anos, recolhendo subsídios para os seus importantes relatos, certamente concordará comigo.

Volto aos poloneses entrados nos anos de 1888 a 1890. Sabe-se, pela tradição oral, que se dispersaram lentamente, sem alarde, à procura de melhores terras, de tranqüilidade, possibilitando melhores dias.

Poucos lembram hoje as desventuras dos primeiros moradores de "16 lotes", e duas décadas depois em suas proximidades, no mesmo distrito colonial, Porto Franco.

As razões do êxodo pois, sob aspecto da tradição familiar, são imprecisas, vagas. A verdade encontra-se nos livros e documentos que citei. Repetiam-se as ocorrências de "16 lotes". Ilustras com 2 requerimentos dos muitos que existem.

Nicolau Wietkowski recebeu em 1891 o lote nº 17 na linha

Braço Esquerdo do Lajeado Grande. Abandonou-o e anos depois propôs comprá-lo, mediante pagamento em prestações e prazo de 5 anos. Abandonou-o (informação de J.J. Virgílio da Silva — Agente interino do Comissariado de terras e colonização) em 2.2.1902 porque sofria perseguição e dificuldades do cidadão..., que desenvolvia, nesse tempo, aos colonos dessa linha, para mais a gosto apropriar-se e explorar madeiras de lei aí existentes e aonde estabeleceu engenho de serra. São esses os serviços prestados, continua o Agente, ao receber o requerimento, pelos exploradores de madeira os quais, além de apropriarem-se das matas do Estado, dificultam o povoamento e desenvolvimento do solo. Com o recuo do invasor, o requerente poderá voltar tranqüilamente ao seu lote.

Em 18 de janeiro de 1902, José Caresia requer o lote nº 7 da linha Braço Esquerdo do Lajeado Grande, que pertenceu a Marcelo Burkert, que o abandonou, tendo recebido como auxílio do Estado, 27\$600. Caresia tomou conta do lote como intruso, instalando engenho de serra. Outro requerimento, nas mesmas condições, de um lote que pertenceu a Antônio Goschinski.

Muitos são, pois, os requerimentos de donos de engenhos de serra, interessados nos lotes de poloneses relacionados no anexo 6.

Núcleos colonizadores no Rio Grande do Sul, no sul do Paraná e outros, mais próximos, Pinheiral, por exemplo, receberam, a partir de 1900, famílias da li-

nha do distrito Porto Franco.

O número que permaneceu em seus lotes originais e outro que procurou identificar-se com a sociedade brusquense na então vila de Brusque, é muito reduzido. Seus descendentes lembram, frequentemente, os atribulados dias de seus maiores.

Nada mais existe no velho "Cemitério dos Polacos" em Príncipe Dom Pedro, exceto uma grande cruz de madeira que no dia de Finados pessoas piedosas enfeitam com flores naturais.

Anexo 1) -- Colônia Príncipe Dom Pedro, criada em 16.1.1866, instalada a 15.2.1866. Foi extinta a 6 de dezembro de 1869, por Aviso do Ministério da Agricultura e mandado anexar o seu território ao da Colônia Itajaí-Brusque.

A Sociedade Amigos de Brusque instalou um Marco nas proximidades da confluência do Ribeirão Águas Claras e rio Itajaí Mirim para assinalar o local da sede da Colônia.

Anexo 2) Cópia do original - Nº 50 — Diretoria da Colônia Itajahy-Brusque em 31 de Agosto de 1869.

Ilmo. e Exmo. Senhor:

Tenho a honra de submeter á V. Excia. o orçamento incluso, calculado para as despesas á fazer com 94 colonos novos, de nação polacos, aqui chegados no corrente mês de Agosto, e peço respeitosamente á V. Excia., que

se digne de mandar consignar na Thezouraria da Província, pagável ao procurador da Colônia em Desterro, Snr. Fernando Hackbardt, a quantia de Rs. 7:894\$500, especificada no dito orçamento.

Também ajunto uma relação nominal dos colonos chegados no decurso deste trimestre; para os 60 primeiros colonos já tive a honra de submeter á V. Excia. o orçamento especificado com o officio nº 41 de 18 de Julho no importante de Rs. 5:054\$000, cuja quantia já recebi inclusa naquella, que me foi paga á conta do Trimestre presente.

Constando que já forão dirigidos á esta Colônia mais 22 famílias de colonos novos, peço respeitosamente á V. Excia. que se digne de mandar consignar em breve o importe do orçamento supra de Rs. 7:894\$500 como também o resto do orçamento trimestral, que junto com o officio nº 38 de 1 de julho tive a honra de apresentar á V. Excia.

Deos Guarde V. Excia.

Ilmo. e Exmo. Senhor Coronel Joaquim Xavier Neves — Dignissimo Vice Presidente da Província de Santa Catarina.

O Diretor: F. von Klitzing.

Anexo 3) Cópia do original — Nº. 83 — Diretoria das Colônias Príncipe Dom Pedro e Itajahy, em 20 de Outubro de 1871.

Ilmo. e Exmo. Senhor:

Accuso recebido o officio de Va. Excia. datado de 7 do corrente, que accompanhou cópia do Aviso do Ministério da Agricultura

ra, Commércio e Obras Públicas com data de 26 do mês próximo passado à cêrca da emigração de colonos da Colônia Príncipe Dom Pedro, para a Província do Paraná.

Tenho a honra informar a V. Excia. que na Colônia havia 97 polacos; em 22 de Agôsto do anno próximo passado o Exmo. antecessor de V. Excia. remetteo a esta Directoria um telegramma do Presidente da Província do Paraná em que perguntava se os ditos polacos não tinham mandado um seu patricio de nome Sebastião Saporsky para procurar transferi-los para aquella Província, em officio de 6 de Setembro informei a Sua Excia. do que me responderam aquelles colonos.

Em Outubro chegarão mais 46 polacos, foram recebidos muito bem e igualmente tratados, dentro de 6 dias já todos estavam nos lotes que por êles tinham sido escolhidos e logo foram empregados em serviços coloniais; pouco tinha decorrido da instalação deles, começarão se queixar contra os tiradores de madeiras, as boiadas destes estragaram as plantações dos colonos; a este respeito pedi providencias por mais de uma vez, queixaram-se também de não ter uma escola para educar os seus filhos e uma Capela para ouvirem Missa; para êsses dois melhoramentos pedi a V. Excia. e ao Governo Imperial em 19 de Dezembro do anno passado, em mês de Maio do corrente anno, estando eu com licença no Rio de Janeiro pedi ao Governo Imperial e em 29 de Julho instei com V. Excia. para o mesmo fim; só em 20 de Setembro úl-

timo, V. Excia. se dignou mandar-me o Aviso do Ministério d'Agricultura Commercio e Obras Públicas em que me autoriza a criação de uma escola e construção da Capela.

Estes colonos polacos vendo também que o serviço quasi se achava parado por falta de orçamento tecnico e por não haver Engenheiro ou Agrimensor habil para o fazer e como lhes constasse que na Província do Paraná achava-se muito serviço de estradas e como já da Colônia Blumenuau tinhão emigrado para aquella Província muitos colonos em Abril do corrente anno, achando-me eu no Rio de Janeiro os referidos polacos mandaram dois de seus companheiros na referida Província e ali trataram suas mudanças e no mês de Julho tudo levei ao conhecimento de V. Excia. a este respeito.

O motivo imperioso ao meu vêr é que colono nenhum poderá parar na Colônia Príncipe Dom Pedro em quanto aí existiram as serrarias de madeiras, que aumenta diariamente a entrada dos especuladores ligados com outros picres que é um Leo Arnoldi, etc. Se o Governo Imperial atender mandar acabar com as ditas serrarias a Colônia pode prosperar e ficar uma das melhores, por ter todas condições necessarias. Aqui tem se passado escrituras fraudulentas, vendendo e comprando terras sem estarem quites com a Fazenda. Va. Excia. tem conhecimento disto pelo meu officio de 27 de Junho, igualmente pedi providência á este respeito á Autoridade Civil da Vila de Itajahy, nada se tem feito, os especulado-

res de madeiras cada vez mais acoçoados e os colonos sofrem d'êles, ficando desgostosos e querem emigrar.

Deos Guarde á V. Excia.

Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. Joaquim Bandeira de Gouvêa — DD. Presidente da Provincia de Santa Catarina.

JOÃO DETSI - Diretor

Anexo 4) No livro de registros de óbitos da igreja Católica local, encontrei os seguintes: "No dia 11 de outubro de 1870 faleceu o inocente João Otto com a idade de um ano e cinco meses e foi enterrado no dia doze, no cemitério dos Polacos na dita Colônia. O falecido é filho de Simão Otto e Rosalia Gabriel".

No dia 21 de dezembro do mesmo ano, Margarida filha de Ignacio Millek e de sua mulher Suzana Kubis.

Em 1871, no dia 2 de janeiro, Maria Anna Stemka; 3 de janeiro, João Purkott; 14 de Janeiro, Margarida, filha de João Hileck; 26 de fevereiro, Juliana Gbur. Todos os falecidos eram crianças com pouco mais de um ano, indicando a idade, o nascimento na próxima Colônia.

Os sobrenomes Gbur, Stempka e Purkott, se identificam com participantes da leva dos imigrantes que primeiro chegou a Pilarzinho.

Anexo 5) — Cópia do original Ilmo. Senhor Diretor:

Nós abaixo assinados colonos da Colônia Itajahy na grande cri-

se em que atualmente se acham as colônias por falta absoluta de moeda, não tendo vindo há perto de um ano dinheiro algum para essas colonias e não podendo nós, ainda querendo quasi nunca mais ganhar dinheiro e, enfim não podendo nos com viveres só satisfazer ainda aos nossos mais inclináveis misteres, tomamos na dura necessidade, em que estamos, cheios de confiança a liberdade de recorrer á Va. Sa., nosso incansavel e digno. Senhor Diretor pedindo-lhe Digne-se fazer constar nossa miseria ao Governo de S. M. para que esse mesmo Governo sempre tão generoso para com os estrangeiros Digne-se, achando justa a causa mandarnos outra vez para serviços de estrada as quantias, que Va. Sa. achar indispensaveis, para nos podermos existir aqui com nossas familias e para não se apoderar também desta Colônia este fatal espirito de desanimo e descontentamento que fez sair antes os Irlandeses e Ingleses e agora toda a população polaca, estando nós firmes para ficar, si nos restarem os meios absolutos para podermos viver aqui nós e nossos filhos.

Colônia Itajahy, 14 de Agosto de 1871.

Ilmo. Senhor Major João Detsi — Digno. Diretor das Colônias Príncipe Dom Pedro e Itajahy. Seguem-se 106 assinaturas.

Anexo 6) — Braços esquerdo e direito do Ribeirão Lajeado Grande — Porto Franco: Moisek Przibilski, Julio Wosniack, Francisco Kociela, José Marcianiack,

Nicolau Wietkowski, Francisco Schafrcinski João Dolifka, José Kaizmareck, Pedro Simianowski, Stanislaw Rosieczki, Antônio Głowaczki, Vicente Drzenwinski, José Sakrenta, Ignacio Suma, Clemens Soboleski, Stanislaw Kotowski, Antônio Gesezinski, José Korolski, João Marcuzewski, Stanislaw Dolinski, Wladislau Kotowski, Albin Nasguezvitz, Antônio Stono, Julio Selonke, Woizeck Przibiloski, Francisco e Wladislav Siedlarzicki, Martin Troardowski, Stanislaw Prasa, André Folkowski, Marcelo Burkert, Antônio

Goschinski, Teofilo e João Klinowski, Carlos Lipowski, Francisco Mankowski, A. Rogoski, Stefan Ginlas, Antônio Zeiss, Miguel Zabelski. (Lotes abandonados em 1891).

Ribeirão da Areia: Miguel Walendowski, Estanislaw Gerski, Alfredo Grigerowski.

Margem direita do Rio Itajai Mirim, também distrito de Porto Franco: Wladislau e Francisco Siedlarszick, Adolfo Dereschewski, Casimiro Borkewicz, Adolfo Zieski, Guilherme Marczeweki, José Koscielne, Otto Simbitzki.

Capítulo de fundação do Seminário de Azambuja (1)

Aloisius Carlos Lauth

Após o retiro do Clero Secular, em Florianópolis, no dia 11 de fevereiro de 1927, D. Joaquim Domingues de Oliveira anunciava a criação do Seminário Diocesano para atender ao crescente movimento vocacional da Província e regularizar as normas da Sagrada Congregação dos Seminários. A Arquidiocese, recém criada a 17 de janeiro pelo Papa Pio XI, com outras duas dioceses, Joinville e Lages, contava aproximadamente com 500.000 fiéis católicos e uns 30 padres no serviço pastoral (2). O Arcebispo indicava o então Cura da Catedral Metropolitana, Pe. Jaime de Barros Câmara, para organizar o dito Seminário, na qualidade de primeiro Reitor.

O entusiasmo do Clero animara o Arcebispo a determinar, igualmente, após o almoço de confraternização, como local do Seminário, o então Hospital Arquidiocesano de Azambuja do Norte, Curato da Arquidiocese. Alguns não simpatizantes — Azambuja era conhecida na Província pelo recolhimento de asilados e alienados mentais, custeados inclusive pelo Governo — sugeriram outras localidades. E, de mais a mais, seria uma graça para a Paróquia poder abrigar o Seminário Diocesano.

Entre Criciúma, São José e uma proposta de colonos de Nova Veneza, pareceu melhor ao organizador, de acordo com o Arcebispo, aceitar a proposta dos católicos da capital que ofereciam a compra e a devida instalação de uma casa. A Família Aducci, logo depois, prontificou-se a vender uma de suas propriedades, na Rua José Veiga n.º 2, pela “quantia módica” de 30 contos. Todos concordaram. Mas, enquanto se faziam ainda as transações, chegam os primeiros seminaristas.

Na manhã de 4 de março, a bordo do “Itapacy”, em companhia de Pe. Nicolau Gesing, embarcados em Imbituba, chegam os três primeiros seminaristas, vindos da Paróquia de Nova Veneza, no sul do Estado. A tarde do dia seguinte, chega o navio “Max” trazendo mais nove seminaristas, cinco dos quais, da Paróquia de Braço do Norte. Hospedaram-se todos na Catedral. Ali começariam a educação mais reservada e as aulas. Dias depois, dá-se a transferência da Catedral para a Casa da Rua José Veiga n.º 2, no local da atual Escola Técnica Federal de Santa Catarina (3).

Conta-se que as primeiras aulas teriam sido dadas ao ar livre, à sombra de uma árvore, utilizando-se o terreno para escrever. É o que se pode ler na primeira informação sobre o Seminário, publicada no “Esperança” — Boletim da Obra das Vocações Sacerdotais, dos

anos 30: "Disse que o Seminário começou humilde, e de fato. Nada possuía. A sala de aula era a sombra de uma pitangueira; o quadro negro, a areia em que o Reitor traçava com uma varinha, seu giz, as primeiras palavras latinas. Em livro, nem sequer, se pensava..."

O Reitor, responsável pela Casa, lecionava Latim, Religião e Alemão; as aulas de Português, Aritmética, História Sagrada, Geografia e História Universal ficaram a cargo da professora D^a. Hilda Dominoni, senhorita dedicada à causa das vocações.

No Dia da Anunciação, 25 de março, esperou-se uma comitiva arquidiocesana para a instalação do Seminário. As Filhas de Maria enfeitaram a Capela, ajudadas, na limpeza, pelas Irmãs da Mendicidade. Entre os ornamentos, um quadro de Nossa Senhora de Lourdes, a padroeira, oferecido pela D^a. Soraia Daux. "Terminada a missa, com a qual vinha S. Excia. inaugurar oficialmente o Seminário, foi lida por Frei Norberto Tambosi, a Provisão de Fundação. O Sr. Arcebispo estabelece, assim, seu Seminário Menor nesta capital e lhe nomeia o primeiro Reitor "com todas as prerrogativas e obrigações constantes em Direito". Na mesma provisão manda S. Excia. que haja Livro de Tombo, de Receita e Despesa, de Matrícula dos Alunos e outros que sejam úteis à administração da Casa. Em seguida, o Sr. Arcebispo faz uma bela alocução em que entusiasma os seminaristas e agradece a boa vontade dos amigos presentes. Após o café, no pequeno refeitório, S. Excia. visita todos os compartimentos, aprova as modificações já feitas e outras a realizar, mas não pode deixar de manifestar-se impressionado com a estreiteza do edifício, que apenas comporta quinze alunos e já com dificuldades..." (4)

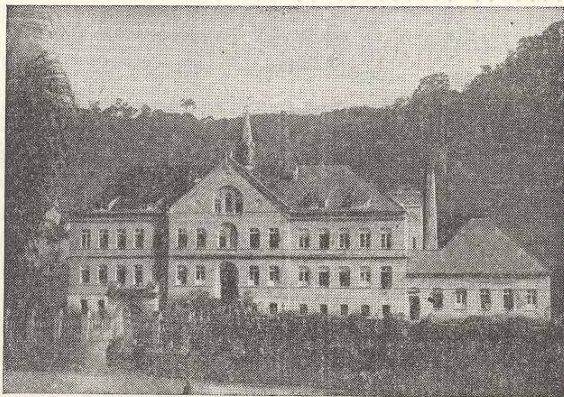
Este fato iria modificar o estabelecimento do Seminário. Ainda no início de abril, a coleta dos católicos para a compra da propriedade não atingia a quantia necessária. A reforma, também insuficiente. E, já no dia 6, o Arcebispo cogita transferir o Seminário para fora da Capital. Ouvem-se novos rumores. O Reitor tencionava permanecer na Capital mas as razões de D. Joaquim falavam forte. Dar-se-ia, assim, a mudança do Seminário de Florianópolis para Azambuja, motivado pela insuficiente coleta dos católicos; a previsão de aumento do número de alunos e os bens imóveis, já pertencentes à Mitra, no Curato de Azambuja do Norte.

Azambuja viera à luz, resguardada por um quadro-cópia da Madona de Caravaggio, com as famílias italianas de Treviglio, instalados na linha colonial do "Caminho do Meio". A "valata" recebera o nome de Azambuja em homenagem ao Diretor do Departamento de Terras, o Conselheiro Bernardo Augusto Nascentes d'Azambuja. Já possuía, no século, Hospital, Asilo, Hospício de Alienados e uma obscura Escola Paroquial. O Hospício, com dois andares, estava cercado com muros ao redor. Desde o início, foram acolhidos ali alguns alie-

nados mas a construção deu-se somente em 1909, com a ajuda do governo. O Hospital Arquidiocesano, ao lado, construído pelo Pe. Gabriel Lux, entre 1907-1911, dava aos fundos com o Asilo de Velhos. Cuidavam de todos, com zelo cristão, as Irmãs da Divina Providência, que ali chegaram em 1902. Mais além, o Santuário, construído pelo Pe. Antônio Eising, e a Capelinha com o quadro-cópia de D^a. Bianca Melzi Brambilla, erigida em 1928. Ainda, um caminho ligava Azambuja à Fábrica, Renaux, a chamada Rua do Curtume. Já o caminho da "valata" levava à antiga colônia irlandesa.

Na manhã de 18 de abril de 1927, parte para Azambuja o primeiro caminhão, cedido pelo Ginásio Catarinense. Um outro, com bagagens e alunos, parte no dia seguinte. O caminhão tem problemas em Tijucas, forçando o pernoite no Colégio das Irmãs. Na Serra do Moura, o caminhão pára de vez e é, providencialmente, rebocado por um terceiro, o caminhão do Governo, até a localidade de Nova Trento. Baldeia-se a mudança para um novo caminhão e a viagem continua noite a dentro. Às 11,30 h da noite chegam, enfim, quando já ninguém os esperava. Tocam a campainha de entrada. Atendem as Irmãs e o Pe. Inácio Burrichter, SCJ.

Este vale fora recolhido por D. Joaquim em sua primeira visita pastoral ao Curato de Azambuja. Dizia ele então ao Pe. Gabriel Lux que ao prédio do Hospital estava "faltando, no f r o n t i s p í c i o, uma inscrição ou letreiro com as palavras SEMINÁRIO DIOCESANO". E justificava ser o Hospital enorme para a quantidade de doentes. Um



Hospital e Seminário de Azambuja.
Planta idealizada pelo Pe. Gabriel Lux.

Seminário, por ideal e necessidade da Província Eclesiástica, seria "incomparavelmente superior" (5). Muitas águas rolariam depois de 1915. As vocações se formavam nos Seminários da Província do Rio Grande do Sul, embora tenha havido uma experiência em 1919, realizada na Paróquia de São Ludgero, com 7 alunos, sob a orientação do Pe. José Sundrup — iniciador da Santa Casa da Misericórdia de Nossa Senhora de Azambuja, 1902.

No Livro de Matrículas, os alunos pioneiros estão caracterizados assim:

NOME	INGRESSO	PARÓQUIA	ORDENAÇÃO
Afonso Niehues	05.03.27	São Ludgero	16.05.38
Agenor Marques	28.03.27	Tijucas	29.12.40
Albino Coral	03.03.27	Nova Veneza	—
Antônio Billo	03.03.27	Nova Veneza	—
Francisco Câmara	10.03.27	São José	—
Frederico Hobold	05.03.27	São Ludgero	31.12.39
Frederico Niehues	05.03.27	São Ludgero	—
Hildebrando Coral	03.03.27	Nova Veneza	—
Huberto Bruening	05.03.27	São Ludgero	02.02.38
João Philippi	05.03.27	São Ludgero	31.12.39
Jocelyn Rodrigues	05.03.27	Imaruí	—
Nelson M. Neto	05.03.27	Laguna	—
Oswaldo de Bem	05.03.27	Laguna	—
Raul Larroyd	05.04.27	Araranguá	—
Walmor Castro	05.03.27	Laguna	05.03.39
Wilson L. Schmidt	06.03.27	Florianópolis	31.12.39

Reitor: Pe. Jaime de Barros Câmara
 Professora: D^a. Hilda Dominoni

Dia 21 de abril de 1927, dia seguinte ao da chegada, os alunos começam as arrumações da Casa, escrevem cartas e ouvem os primeiros "avisos". O Seminário e o Hospital coexistiriam até durante a reitoria de Pe. Bernardo Peters. Este ocuparia o 1º. pavimento; aquele, o 2º. e o 3º., tendo ambos cozinha, dispensa e adega comum. Em 1930, completa-se a planta idealizada pelo Pe. Lux. Em 1947, vem novo acréscimo, em estilo diferente do original, demolido para a construção do atual Seminário.

Com o boato da transferência do Seminário, vieram também os opositores. As Autoridades brusquenses tentaram impedir o desembarque da mudança, mas devido ao imprevisto da chegada e à noite nada puderam fazer. O Superintendente do município havia ameaçado a Irmã Superiora e telegrafara ao Arcebispado, rogando a desistência da idéia. Ao município era inadmissível que a Mitra se aposasse ainda mais do núcleo de Azambuja e, quem sabe, acabasse com o único hospital. Neste intuito, também o Cônsul Renaux telegrafara ao Arcebispado e, apesar da amizade de ambos, nada conseguiu. A idéia de perder o hospital tinha sido precedida pela de transferi-lo para o centro da vila. Por boa política, esta gente engrossou as fileiras, mais tarde, da construção do Hospital e Maternidade Protestante.

Também para a Paróquia, dirigida pelos padres do Sagrado Coração de Jesus, não era agradável a idéia de abrir dois Seminários,

mesmo de ordem diferente. Pe. Germano Brand, SCJ, havia fundado a Escola Apostólica, em 1924, para cultivo das vocações religiosas que, por aumento dos pedidos de admissão, falta de terreno para ampliação, etc., lograra transferir-se para outro local. Esta questão duraria até 1932, quando foi criado o Seminário Menor de Corupá pelo conhecido Pe. Lux.

A frustrada intercepção da transferência, na Província, acabara com denúncias de irregularidades administrativas. Dizia-se que o Seminário estaria sendo sustentado pelos auxílios do governo, enviados exclusivamente para a manutenção dos alienados e asilados. Entretanto, os livros de contas, mostram que os alunos pagaram pensão individual de sessenta mil réis. Então, em maio, o Secretário do Interior e Justiça da Província, Dr. Cid Campos, inspecionou o núcleo, ouviu as reclamações, vistoriou os livros, analisou a situação. Seu parecer foi de que o Seminário não atrapalhava o funcionamento do Hospital Arquidiocesano, que continuaria existindo. Escreve o Reitor, em seu "Diário", que o Secretário "foi satisfeito". Mas as tensões perdurariam. Ainda em 1929, há insinuações maldosas.

O espírito diplomático do Reitor contornou com amenidade a situação. Logo na festa de maio, ele ofereceu um banquete às autoridades brusquenses, aos de ânimo exaltado e aos amigos, reinando a máxima cordialidade. Seguem outros fatos que deixam de ser corriqueiros nas mãos deste Magnífico Reitor. Hoje, ainda, "Azambuja é o lugar do Seminário".

NOTAS:

- (1) O artigo completa a monografia "Movimentos Históricos do Jubilar Seminário de Azambuja", para término de curso da Faculdade de Estudos Sociais, FEBE.
- (2) HOBOLD, Wendelino, *Discurso do Jubileu de Prata do Seminário de Azambuja*.
- (3) BESEN, José A., *O Seminário de Azambuja*, Rev. Pastoral de Conjunto, fev. 77.
- (4) *Diário do Reitor I* — 25.03.27
- (5) OLIVEIRA, D. Joaquim D., 1915-1964, Rev. A Esperança, volume especial de Inauguração do Seminário, 1964.

CAPÍTULO DE FUNDAÇÃO DO SEMINÁRIO DE AZAMBUJA (II)

Aloisius Carlos Lauth

O "núcleo de Azambuja" teve três grandes períodos de constituição histórica, intimamente relacionados. Na forma didática, eles estão assim:

A — **Fase do Santuário:** começa com os imigrantes italianos

construindo a Capela em honra da Madona de Caravaggio e culmina com a dignidade de Santuário Episcopal;

- B — **Fase do Hospital:** com a chegada das Irmãs da Divina Providência, a “Santa Casa da Misericórdia de Nossa Senhora de Azambuja” entra em funcionamento. Depois de abrigar várias instituições, termina com a separação efetiva de suas atividades em 1936; e,
- C — **Fase do Seminário:** sua criação deu-se em Florianópolis, em 1927. Por razões econômicas, é transferido para o “núcleo de Azambuja”.

Segue a **questão de interceptação**. Com ela, os opositores põem-se contra a Arquidiocese que vê no “núcleo” uma saída para os seus problemas. As autoridades brusquenses temiam que a vinda dos seminaristas pudesse terminar com a instituição hospitalar, única na época, e reivindicaram sua criação e manutenção à comunidade. Pouco tempo antes, tentaram transferi-lo para o centro da vila, mas faltou efetivo apoio. Esta reação, agora, iria fermentar ainda mais a necessidade de se criar outra instituição. Breve era inaugurado o Hospital e Maternidade C.C. Renaux.

Também para a Paróquia, a vinda dos seminaristas diocesanos poderia constituir-se em estorvo, já que os dehonianos haviam criado sua Escola Apostólica em 1924. Mas também ela sofria das idéias de renovação e tentava se transferir para o norte da Província. Dois seminários seriam “peso” para a comunidade local, por minguidas as ajudas que fossem.

Para o “núcleo de Azambuja”, a vinda dos seminaristas foi a melhor maneira de o Sr. Arcebispo resolver a crise administrativa que se seguiu com a saída do Pe. Gabriel Lux SCJ, em 1919, talvez porque este consolidara um patrimônio incomum nos anos de “Fabriqueiro-Administrador do Santuário”. Cogitou-se, inclusive, fazê-lo retornar, antes da criação do Seminário, para solução dos déficit econômicos.

Esta situação amenizou-se por habilidade de diplomacia do Reitor, ao longo tempo de reitoria. Os documentos deste caso estão abaixo relacionados:

1. Carta do Sr. Arcebispo Metropolitano:

(Arquivo da Cúria Metropolitana, Florianópolis)

Florianópolis, 21 de julho de 1926.

Revmo. Sr. PADRE GERMANO BRAND, M.D. Vigário Brusque
L. J. C.

Continuamos resolvidos a dar corpo, logo que possível, à idéia de transformar o Hospital de Azambuja em Seminário Diocesano, esperando entender-me com o Rev. P. Superior sobre a transferência da Escola Apostólica, apenas aqui passe, segundo a sua declaração.

Entretanto, desejo que V. Revma. me mande logo que puder

o balancete da sua gestão, e a especificação de seu débito para com o mesmo Hospital.

Continuo a seu inteiro dispor, como sendo

Servo em J. C.

† Joaquim, Arcebispo Metropolitano

2. Telegrama das Autoridades Brusquenses:
(Arquivo da Cúria Metropolitana, Fpolis.)

Exmo. Snr. Arcebispo
Fpolis.

Tivemos conhecimento que V. Rma. (ilegível) mandou hospital de Azambuja seminarista e reunidos deliberamos rogar V. Rma. vinda pessoa autorizada afim confabularmos para melhor modo solucionar questão. Quanto vinda mesmos seminaristas achamos bom adiar por motivos imperiosos.

(Ass.) Humberto Mattioli, director; Germano Schaefer, secretário; Arthur Gevaerd, thesoureiro; João Schaefer, procurador geral; Mathias Moritz, vogal; Luiz Albani, vogal.

3. Nota no livro "Dados Históricos do Hospital":
(Arquivo D. Jaime, Azambuja)

"A Revma. Madre interessou-se junto ao Rev.mo Sr. Arcebispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira pela volta do Rev.mo Pe. G. Lux. A Superiora de Azambuja obteve licenças para dirigir-se ao Pe. Lux, fazendo isto em 31 de março e antes que uma resposta chegasse, outro telegrama veio, mandando preparar quartos para hospedar os primeiros seminaristas. Foi pedido que o Rev.mo Diretor viesse para dirigir e arrumar as acomodações, mas o mesmo respondeu que só poderia vir depois da Páscoa.

"As Irmãs guardaram segredo a respeito da ordem recebida pelo Rev.mo Sr. Arcebispo, mas uma carta de Sua Ex.cia às autoridades locais fez conhecer as pretensões do mesmo. Na 6^a. feira santa houve sessão do Conselho Municipal, tratando-se anular os desejos do Revmo. Sr. Arcebispo. O uperintendente, Sr. João Schaefer, veio avisar-nos que passou um telegrama ao Rev.mo Sr. Dom Joaquim nos seguintes termos: O povo é contra, Azambuja não pertence à Mitra, o povo a construiu. No dia 20 de abril chegou Pe. Jaime com os seminaristas, à meia noite, devido a muitos obstáculos e dificuldades durante a viagem. O capelão, o Rev.mo Pe. Inácio da Congregação do S.C.J. os recebeu, e no outro dia após oferecer a s. missa retirou-se. Em 10 de maio o Rev.mo Pe. Inácio seguiu viagem para a Europa".

4. Carta da Irmã Superiora:

(Arquivo da Cúria Metropolitana, Fpolis)

Hospital de Azambuja, aos 18 de abril de 1927

Exmo. Revmo. Snr. Arcebispo

Respeitosas saudações. Tem-se um pouco de tempo que nos deixa escrever algumas palavras.

Parece que a situação exige que Va. Exia. mande o quanto antes os seminaristas, então se acabarão todas as dificuldades. Pois aqueles que estão contra, dizem, nós devemos pedir que eles não venham, se estão cá, não se pode mandá-los embora.

Va. Exia. Revma. tenha bondade de desculpar os termos mal escritos.

Se Va. Exia. Revma. se dignasse de vir para cá poderíamos dizer tudo; hoje, se pode só isto.

Com professsado respeito pedem a benção arcebispal as filhas e servas em Nosso Senhor.

A Superiora Servanda e demais Irmãs de Azambuja.

5. Telegrama do Cônsul Renaux:

(Arquivo da Cúria Metropolitana, Fpolis)

L C D ARCEBISPO
FLORIANÓPOLIS

CLAMOR POVO BRUSQUENSE SUSPENSÃO HOSPITAL
COMMOVE DEVERAS COMO BENFEITOR ENTRE MUITOS CON-
CORRERAM ESSA OBRA PIA APELLO NOBRES SENTIMENTOS
VOSSA EMINENCIA CONCEDER PRASO TEMPO DESSE CONSTRU-
IRMOS NOSSO HOSPITAL.

Cônsul Renaux

6. Nota no "Diário do Reitor":

(Arquivo D. Jaime, Azambuja)

"Sabendo que os ânimos das principais autoridades brusquenses estão agastadas com a repentina vinda dos seminaristas para Azambuja, (a ponto de desejarem impedir o desembarque dos meninos, o que não puderam executar, porque chegamos durante a noite), as Irmãs, de combinação com o Reitor, ofereceram às autoridades e amigos do hospital um bom almoço neste dia e, reinando nele a máxima cordialidade, pareceu terminadas as animosidades contra o seminário" (DR I-26.05.27).

7. Nota no livro "Dados Históricos do Hospital":

(Arquivo D. Jaime, Azambuja)

"Mais uma vez trabalhou-se para o Seminário ser transferido por não ter subvenção alguma. Entretanto, as mensalidades são pa-

gas com pontualidade, porém, falta o dinheiro suficiente para sua vida autônoma" (1929).

Poderíamos relacionar alguns ocorridos a esta situação que serviriam, principalmente, para desanuviar as animosidades existentes:

8. Visita de inspeção do Secretário de Interior e Justiça da Província de Santa Catarina a 28 de maio de 1927. Dr. Cid Campos nada encontrou que desabonasse a convivência Seminário-Hospital.
9. Um encontro casual dos Seminaristas com os da Escola Apostólica, no passeio à casa do Sr. Bernardo Fischer, dia 7 de setembro de 1927.
10. Benção da estátua São José, oferecida pela Irmã Superiora à casa das Irmãs de Azambuja, tendo por padrinho o Superintendente, Sr. João Schaefer, representado na ocasião pelo seu filho (DHH — p. 12).
11. Falecimento do Superintendente de Brusque a 27 de outubro de 1927.
12. A intervenção cirúrgica, no Hospital Arquidiocesano, do representante da Superintendência (DHH - p. 13)

A julgar por estes pontos, dever-se-ia concluir a seriedade do caso. Nós diríamos que tudo foi tão imediato que não deixou consequências a longo prazo. E, além do mais, alia-se a magnanimidade do então Pe. Jaime de Barros Câmara, de hábil relacionamento entre as partes, a ponto de em breve sanar a situação.

Nota:

(1) O artigo integra a monografia de conclusão de curso da Faculdade de Estudos Sociais, FEBE.

HISTÓRICO DA COMUNIDADE EVANGÉLICA DE BRUSQUE

(continuação)

Na primeira parte do histórico precisamos retificar: "Brusque recebeu o seu segundo pastor Johannes Julius von Czekus no dia 25 de maio de 1890". Outra retificação: O primeiro harmônio da Comunidade foi vendido em 1904 para o Sr. Wolf de Florianópolis, portanto, não está mais em nossas mãos como afirmamos na primeira parte de nosso histórico.

CONTINUAÇÃO — Dos anos de 1890 em diante até o ano de 1905 houve muitas reuniões da Sociedade Escolar, examinando a situação financeira da Escola. Tornou-se problemática a manutenção da mesma. Anualmente eram feitos pedidos de subvenção ao Governo Estadual. Várias vezes o Governo negou ajuda financeira, afirmando, que onde havia escolas do Governo, não havia necessidade de subvencionar escolas particulares. Mesmo assim a Sociedade Escolar não deixou de anualmente pedir. Finalmente a partir de 1895 o Governo passou a pagar subvenções anuais.

O professor Eduardo Francisco Geithner dirigiu a "Escola Particular da Vila de Brusque" até o ano de 1886. Neste ano assumiu a direção da Escola o pro-

fessor Bernhard Howard, que dedicou-se muito à música, lecionando a matéria aos alunos da Escola, cantando com os mesmos. Acompanhou os hinos no harmônio da igreja. Howard permaneceu até o ano de 1891. Seguiu-o na Direção da Escola o professor Reinhard Graupner.

Na vida da Comunidade os anos do P. von Czekus foram de grande movimento, pois no seu tempo foi construída a igreja no centro da cidade, a qual ainda hoje está de pé, dando testemunho do trabalho incansável dos evangélicos no século passado.

A partir de 05 de março de 1893 a Comunidade Evangélica possui todas as atas de reuniões da Diretoria e do Conselho da Comunidade. Estas atas foram escritas em alemão no estilo gótico até o ano de 1930. Da primeira ata de 05/03/1893 destacamos:

1) O pedido para retelhar a casa do pastor por Rs 500\$000 foi aprovado.

2) O pedido para que o P. von Czekus substitua o P. Bunte de Blumenau foi aprovado.

3) O pedido do zelador por aumento de salário não foi aprovado.

4) Nesta Assembléia foi elei-



Casa de Orações e Escola Evangélica em 1899 ao tempo do Pastor W. Lange.

ta a nova Diretoria da Comunidade, constituída pelos senhores: Presidente: P. J. J. von Czekus; Vice-Presidente: Eduard von Büttner; 1º Secretário: Wilhelm Strecker; 2º Secretário: Paul Scheel; Tesoureiro: Ernst Ulber.

O Relatório do Pastor relativo às atividades de 1892 foi bastante minucioso: 63 crianças foram batizadas; 21 casamentos; 20 sepultamentos, 635 pessoas participaram da Santa Ceia, 48 jovens foram confirmados, 10.960 adultos e 1.897 crianças participaram dos cultos.

Quanto à Comunidade filial de Itajaí, fundada em 1870, foi

servida por Brusque até o ano de 1970. No relatório do Pastor lemos: "Em Itajaí realizei 6 cultos; distribuí a Santa Ceia 2 vezes; batizei 3 crianças, sepultei 2 pessoas e realizei 1 casamento. Em Porto Franco (Botuverá) realizei 12 cultos; batizei 8 crianças, 1 casamento e 3 vezes distribuí a Santa Ceia. Na cidade realizei 9 cultos à noite com ensaio de cantos; em Schleswig 6 vezes; em Limeira 6; em Águas Claras 5; na Rua Tijucas 6; na Rua da Serra 6; na Rua Porto Franco 7 vezes".

(Obs.: Em Botuverá não temos mais Comunidade, pois todas as

famílias evangélicas saíram de lá logo no início do novo Século).

Até 1889 as igrejas evangélicas não podiam ter aspecto de igreja e nem possuir torre ou sinos. A religião oficial era a Católica. Com a Proclamação da República (15/11/1889) e promulgação da primeira Constituição Republicana (1891) foi concedida liberdade religiosa a todas as religiões no Brasil. Vemos assim, que a Comunidade Evangélica de Brusque logo se movimentou para conseguir uma igreja digna de sua fé. Em 29 de maio de 1893 foi constituída a "Comissão de Construção", formada pelos senhores P. von Czekus, Eduard v. Büttner, Ludwig Spengler, Ernst Ulber, Ludwig Lübke, Wilhelm Strecker. A igreja a ser construída teria as seguintes dimensões: 25 metros de comprimento, 13 metros de largura, 8 metros de altura. O preço da construção seria de Rs. . . . 8:919\$000. A Comunidade possuía na época um depósito de Rs 1:000\$000 na Caixa Econômica. Esta quantia foi usada para a aquisição de material para a construção da igreja. A comissão de construção reuniu-se mensalmente, para examinar as propostas da compra do material e tinha a incumbência de comprar daquelas pessoas que tivessem a melhor qualidade por menor preço. A decisão final para iniciar a construção foi tomada na Assembléia Geral Ordinária de 25 de janeiro de 1894. Antes de iniciar a construção da Igreja, foi construído um galpão para guardar o material adquirido.

Na Assembléia Geral Extraordinária de 11 de março de 1894 foi decidido:

1) O serviço de pedreiro seria executado pelo Sr. Ludwig Lübke, que apresentou a melhor oferta. O serviço de carpinteiro seria confiado ao Sr. Adolf Bruns. Boa parte da madeira será comprada do Sr. Marcos HÖRNER. A areia será adquirida do Sr. August. Ristow. Outras decisões: "Todos os membros são conclamados a dar 5 dias de serviço na construção da igreja e quem tiver carroça trabalhar com a mesma 3 dias em benefício da construção".

Estando tudo decidido, inclusive o material comprado, foi lançada a Pedra Fundamental da igreja no dia 03 de maio de 1894. Desta data em diante não houve mais interrupção nas obras da construção. Mas já no dia 12 de agosto de 1894 numa Assembléia Extraordinária resolveu-se fazer uma campanha em favor da construção da torre. E para poder cumprir com os compromissos da construção, foram emprestados Rs 2:500\$000 de pessoas da Comunidade. Estas receberam Notas Promissórias (Schuldscheine), que seriam pagas no espaço de 5 anos.

A inauguração da igreja deu-se no dia 03 de janeiro de 1896. É interessante citarmos as palavras que constam do relatório do P. v. Czekus sobre a inauguração da igreja: "Com alegres esperanças entramos no novo ano, cada um pedindo a ajuda bondosa de Deus, pois no dia 06 de janeiro deveria ser inaugurada a

nova igreja. Ainda havia muito por fazer, mas onde há uma vontade ferrenha, aí se chega ao alvo. Tanto os trabalhadores contratados, como também os membros de nossa Comunidade, aplicaram todo o esforço para chegar a um bom termo. Ainda dois dias antes da inauguração tudo parecia dizer que não haveria inauguração. Mas conseguimos terminar. Dignamente ornamentada ela nos abriu a sua porta e nos convidou para entrar, a fim de buscar em seus átrios consolo e salvação. Sob grande número de pessoas da Comunidade, na presença de 6 pastores evangélicos e com a presença das autoridades convidadas, ela foi inaugurada no dia 06 de janeiro. Com gratidão ecoaram os hinos, com entusiasmo santo a palavra de Deus foi anunciada e recebida com corações atenciosos. Abriam-se corações e mãos, pois a coleta rendeu Rs 532\$000 e o almoço festivo Rs 309\$000. Ficou ainda uma dívida de Rs..... 3:042\$000”.

Estas dívidas foram pagas gradativamente até o ano de 1904. Na inauguração da igreja a parte externa ainda não tinha sido rebocada. Isto foi feito somente a partir de 1898, quando foi feito um novo empréstimo de Rs... 2:000\$000. Empréstaram o dinheiro na ocasião (1899) os senhores Henning Joenk Rs..... 700\$000; Hedwig Joenk Rs..... 300\$000 e Ernst Ulber Rs..... 600\$000.

O primeiro sino foi adquirido só depois da inauguração, bem como uma cruz e dois castiçais —

tudo veio da Alemanha. Sobre o badalo do sino encontrei as seguintes anotações: “o sino será badalado 3 vezes por dia. Durante os enterros 2 vezes (até entrar o esquife na igreja e ao ser levado da igreja até o cemitério)”. Interessante é observar que já nesta época (1896) o esquife era levado à igreja, como o fazemos ainda hoje.

Em 1895, na reunião do Conselho da Comunidade (20/01), foram tomadas várias medidas quanto à filiação ou não de membros e suas contribuições:

1) Foi aceita a proposta de escalonar as contribuições, isto é, a contribuição seria paga conforme o que cada um ganhava.

2) Toda família não filiada à Comunidade, pagará a taxa de Rs 25\$000 para batismo, confirmação ou enterro.

Na reunião do Conselho da Comunidade de 02/02/1896 o P. Johannes Julius von Czekus pediu demissão de seu cargo. Permaneceria na Comunidade até 1º de julho. A Comunidade aceitou o pedido e logo procurou convocar outro pastor para a vaga. O Conselho dirigiu-se ao P. Wilhelm Lange, servindo em Bruederthal (hoje Mun. de Guararirim), convidando-o para visitar a Comunidade e fazer a sua apresentação através dum culto. Já na ata do Conselho da Comunidade de 1º de março de 1896 consta que o P. Lange esteve aqui e foi aceito como pastor da Comunidade com 15 votos a favor e 1 voto contra. A Diretoria ficou autorizada a fazer um contrato para 5 anos com o P. Lange. O con-

trato data de 04/05/1896 redigido nos seguintes termos: "A Comunidade Evangélica de Brusque nomeia para ser pastor em sua Comunidade o Rev. P. Wilhelm Lange a partir de 1º. de julho de 1896 e assume o compromisso de:

- 1) Pagar-lhe em 4 parcelas o ordenado anual de Rs. 2:000\$000.
- 2) Conceder-lhe moradia gratuita e o uso dos terrenos pertencentes à Comunidade.

Em contrapartida o P. Lange se prontifica à:

- 1) Assumir o cargo de pastor a partir de 1º. de julho e de desempenhá-lo durante 5 anos.

- 2) Desempenhar o cargo segundo os preceitos da Igreja Evangélica, pregando a Palavra de Deus pura e retamente e celebrar a Santa Ceia conforme as palavras de nosso Senhor Jesus Cristo. Zelará pela doutrina e educação das crianças; observará os Estatutos da Comunidade e será um bom exemplo para a Comunidade através de palavras e ações".

Na reunião da Diretoria de 15/06/1896 resolveu-se:

- 1) Preencher uma Letra de Câmbio no valor de Rs. 1:000\$000 em favor do Sr. Adolf Bruns, que havia trabalhado como carpinteiro na construção da igreja. Esta quantia seria paga até 1º. de outubro de 1900, acrescida de 5% de juros.

- 2) Dois representantes da Diretoria iriam a Itajaí recepcionar o P. Lange.

- 3) Ao P. von Czekus será entregue na sua partida um docu-

mento, comprovando seu trabalho como Pastor da Comunidade.

O P. von Czekus na sua despedida agradeceu pela colaboração dos membros, principalmente na construção da igreja e admoestou-os para que também no futuro participassem ativamente da vida na igreja.

Já no dia 19 de julho o P. Wilhelm Lange saudou o Conselho da Comunidade, pedindo que lhe concedesse férias sempre no mês de outubro para visitar sua antiga Comunidade de Bruedertal.

O zelador Boehm desligou-se da Comunidade por motivos de doença. O seu lugar foi assumido pelo Sr. Carl Siemsen no dia 1º. de dezembro de 1896. Este assumiria o repicar do sino conforme ordem existente. Limparia o cemitério e as catacumbas 4 vezes por ano. Antes das Festas de Natal teria que limpar as janelas e todo o interior da igreja. Procurava-se na época um organista para a igreja.

Já em 1897 houve queixas para com o novo pastor, pois costumava ausentar-se várias vezes por ano e a Comunidade ficava só. Por conseguinte o Conselho da Comunidade resolveu que futuramente o pastor só teria o direito de se ausentar da Comunidade com autorização da Diretoria.

Na reunião do Conselho da Comunidade do dia 23/09/1900 o P. Lange pediu aumento do seu ordenado e renovação de seu contrato com a Comunidade. Ambos os pedidos foram aprovados.

Passando para o Século XX

o relatório de 27/01/1901 do P. Lange fez as seguintes considerações: "No início de um novo Século convém aos cristãos silenciar para fazer um balanço, a fim de que deste lembrar do passado, possamos distingüir a fidelidade para enfrentar o futuro. Uma tal retrospectiva sempre será motivo para agradecer, apesar das horas escuras, pois o agradecer é dever do cristão. Assim diz o Senhor: Quem sacrifica gratidão, exaltame, e este é o caminho, que lhe mostro, a minha salvação. A gratidão é uma prêmisa se quisermos receber salvação para o futuro".

No início do Século a dívida da construção da igreja era de Rs 1:500\$000. Mesmo assim foi adquirido um harmônio novo por Rs. 1:200\$000. Para pagá-lo foi levantada uma coleta e várias pessoas emprestaram dinheiro sem juros para 2 anos. Este novo harmônio foi inaugurado no Natal de 1900 e encontra-se em uso no Centro Evangélico.

Em outra reunião do Conselho da Comunidade de 15/12/1901 resolveu-se colocar a velha igreja totalmente à disposição da Escola com o compromisso de mantê-la em ordem. Igualmente seria colocado mais terreno à disposição para novas construções. Estas regalias só teriam valor enquanto os membros da Diretoria da Sociedade Escolar fossem da Comunidade Evangélica. A esta altura a Escola já tinha 2 professores: Reinhard Graupner e Moritz Lehmann. Devido a auxílios recebidos da Alemanha, tiveram que ser reformulados os

Estatutos da Escola, que passou a chamar-se de "Escola Alemã" a partir de 1902. Para tais escolas, nas quais a língua alemã era lecionada, o Governo da Alemanha designava dinheiro. As doações recebidas foram colocadas a juros e em 1912 finalmente foi possível construir uma nova escola, pois a velha igreja não oferecia mais ambiente satisfatório. Em 1909 foi contratado um 3º professor para a escola na pessoa do Sr. Hans Wiedemann.

Voltando à Comunidade, constatei que em 1903 já havia um coral, pois pedia-se na época uma melhor iluminação da igreja para os ensaios.

Em 26 de julho de 1903 tomou-se uma decisão arrojada: Para acabar com a dívida da igreja seriam realizados 2 leilões — um no dia 30 de agosto para uma parte da Comunidade; o outro no dia 27 de setembro para a outra parte da Comunidade.

Até 1904 a Comunidade Evangélica de Brusque não estava filiada a nenhuma entidade religiosa. Em Santa Catarina ainda não existia uma entidade que fosse responsável pelas Comunidades Evangélicas. Este fato levou o P. Lange a propor a filiação da Comunidade à Igreja Evangélica na Alemanha. Esta filiação teria a vantagem de a Comunidade receber os pastores desta Igreja e estaria ao mesmo tempo subordinada a esta entidade em assuntos eclesiásticos. A Diretoria reunida no dia 24 de janeiro de 1904 aprovou esta proposta. Já no dia 31 de janeiro realizou-se uma Assembléia do

Conselho da Comunidade, na qual o P. Lange esclareceu sobre os direitos e deveres que a Comunidade teria uma vez filiada à Igreja Evangélica da Prússia. Logo após foi enviada correspondência ao Conselheiro Mor da Igreja Evangélica da Prússia, pedindo a filiação. A Comunidade prontificou-se a adaptar os Estatutos à nova realidade.

No dia 27 de agosto de 1905 foi lida na reunião da Diretoria a carta recebida da Igreja Evangélica da Prússia, na qual constata-se que fora aceito no dia 11 de junho de 1905 a filiação da Comunidade Evangélica de Brusque à Igreja Evangélica da Prússia. Esta filiação foi outorgada pelo Imperador da Alemanha. Na mesma correspondência foi enviado o "Documento de Vocação" do P. Lange, que lhe concedia o direito legal de continuar a trabalhar na Comunidade de Brusque.

Na Assembléa do Conselho da Comunidade de 11 de novembro de 1907 foram aprovados os novos Estatutos, os quais legalizavam a filiação da Comunidade à Igreja Evangélica da Prússia. Lemos nestes Estatutos:

§ 1 — A área de ação da Comunidade Evangélica de Brusque é o Município de Brusque e municípios limítrofes.

§ 2 — A finalidade da Comunidade Evangélica é: A edificação comunitária conforme a organização da Igreja Evangélica da Alemanha e promover a piedade e a moral, que terá sua expressão no temor a Deus. Será prestada obediência às autoridades e man-

tido o compromisso consensioso entre as pessoas das famílias.

§ 3 — A Comunidade Evangélica terá como base de sua fé e vida a Escritura Sagrada e confessa-se ligada aos ensinamentos da Igreja Evangélica, como os encontramos nos escritos da Reforma.

§ 4 — A Comunidade Evangélica de Brusque filia-se à Igreja Evangélica da Província mais antiga da Prússia.

§ 5 — O pastor será chamado para servir pela Diretoria da Comunidade. Mas a aceitação ou demissão definitiva dependem do Conselheiro Mor de Berlim (Alemanha).

§ 20 — O Conselho da Comunidade vota para um período de 4 anos uma Diretoria Executiva. Ela é formada pelo pastor como seu Presidente; de um Vice-Presidente, de 2 Secretários e de 1 Tesoureiro.

Em correspondência de 27 de dezembro de 1907 o Conselho Mor aprovou os novos Estatutos da Comunidade. Os Estatutos foram traduzidos para o português e impressos 600 exemplares, dos quais cada família receberia um exemplar.

Outro marco importante no ano de 1907 foi a fundação da "Sociedade Evangélica Caritativa (Evangelischer Wohltätigkeitsverein)". Sua fundação deu-se no dia 03 de dezembro de 1907, mas a Assembléa Constituinte foi no dia 29 de dezembro de 1907. Da ata desta Assembléa destacamos: "A convite da Sra. Pastor Lange um grupo de senhoras reuniu-se nas dependências da Escola Ale-

mã. Reconheceram a necessidade de fundar um "Asilo para Idosos". Aprovou-se na ocasião os Estatutos e foi escolhida a primeira Diretoria: Pres. Sra. Clara Lange; Tesoureira - Mathilde Becker Lehmann; demais membros: Caroline Krieger; Ida Krieger; Selma Renaux; Anna Koehler, Anna Ulber, Luise von Czekus. Estas senhoras tomaram sobre si a responsabilidade de cobrar mensalmente a taxa das associadas. Esta Sociedade é hoje a Associação das Damas de Caridade, Mantenedora do Hospital Evangélico, da Maternidade Cônsul Carlos Renaux, do Jardim de Infância Bom Pastor, e das obras sociais, atendendo anualmente centenas de pessoas necessitadas. A Diretoria da Comunidade em sua reunião de 06 de setembro de 1908 decidiu colocar um terreno à disposição da Sociedade Caritativa, para nele construir o Asilo de Idosos. As senhoras compraram uma casa e a reconstruíram no terreno cedido e já no ano de 1909 o Asilo recebeu seus primeiros moradores.

Desde 1906 o P. Lange teve problemas com a sua saúde. Várias vezes teve que deixar de realizar o trabalho de rotina. Assim registra uma ata da Reunião da

Diretoria de 20 de abril de 1909: "A pedido do Sr. P. Lange e de seu médico, que seja liberado de realizar os cultos aos domingos, a Diretoria decidiu que nos 4 domingos seguintes não precisaria realizar os cultos previstos. Só serviços inadiáveis seriam por ele efetivados".

Mesmo assim o P. Lange não conseguiu mais desempenhar o seu cargo, pedindo demissão. O Conselho da Comunidade, reunido no dia 25 de julho de 1909, aceitou o pedido e agradeceu pelos relevantes serviços prestados à Comunidade e à Escola durante os 13 anos. Foi Presidente da Comunidade, fazia parte da Diretoria da Sociedade Escolar e foi professor.

Ao mesmo tempo o Conselho resolveu dirigir carta ao Conselheiro Mor da Igreja Evangélica da Prússia, pedindo que enviasse outro pastor para a Comunidade. Em carta de 12 de outubro de 1909 o Conselheiro Mor comunicou que seria enviado o P. Gerold Hobus, que iniciaria o seu trabalho no dia 1º de janeiro de 1910.

Nota: Continua no próximo número.

Werner Brunken - Pastor

Duas visitas memoráveis

Como, a então vila de Brusque, recebeu, em agosto de 1905, a visita de S. Excia. Revma. Dom Duarte Leopoldo e, em outubro de 1907, a do Governador do Estado Coronel Gustavo Richard.

(Do correspondente em Brusque do jornal "NOVIDADES", de Itajaí)

D. DUARTE LEOPOLDO E SILVA

Desde o dia 16 que Brusque está em movimento por causa do bispo D. Duarte, pois foi quando começaram os preparativos para a solene recepção de S. Excia. Revma. que aqui chegou sábado 9, às 5 horas da tarde.

A rua central e as circunvizinhanças da igreja católica estavam transformadas num verdadeiro bosque de palmitos, bambús e outras plantas ornamentais e tudo isso garridamente enfeitado de flores, bandeiras, galhardetes e de lanternas venezianas de variegadas cores que à noite se acenderam. O conjunto era o mais impressionador possível. A vila nesses dias transbordou de povo, não só daqui, como vindo dos lugares vizinhos.

Uma hora antes da solene entrada do sr. Bispo na sede da Freguezia, adiantou-se um da comitiva trazendo a notícia de se achar muito próximo S. Excia. Revma., queimando-se então grande quantidade de foguetes e repicando festivamente os sinos. A este aviso, a multidão, que se aglomerava nessa ocasião esperando o Bispo, no Largo Cel. Renaux e nas proximidades da ponte, que estava primorosamente enfeitada, era enorme.

As 4 e meia horas da tarde apareceram na primeira volta da estrada a vanguarda do esquadrão de lanceiros, se assim podemos chamar, uns cem cidadãos, mais ou menos, montados a cavalo, cada um com sua lança, em cuja haste tremulavam, aos reflexos do sol, produzindo deslumbrante efeito, pequenas bandeiras verdes e amarelas. Dirigiam o imponente préstito dos cavaleiros os srs. Francisco Ennes Torres, Durval Luz e Augusto Bauer, que conseguiram manter a melhor ordem, fazendo-os marchar, dois a dois, e guardar a devida distância.

Após o esquadrão vinha uma longa fila de carros, o primeiro dos quais trazia o Bispo, o seu secretário, o sr. Francisco Gottardi, de Nova Trento, e o sr. Superintendente Vicente Schaefer.

Ao chegar à ponte o préstito parou e foram então tirados pelos fotógrafos Vasques e Frederico Raguse, diversos clichês. O bispo, descendo do carro, foi recebido pela comissão nomeada para este fim e seguiu a pé, acompanhado de enorme massa popular, silenciosa e cheia de respeito, para a casa da viúva Peiter, próximo ao templo ca-

tólico e que tinha sido destinada para sua residência e onde S. Excia. Revma. entrou.

Uma meia hora depois, S. Excia. Revma., revestido dos seus sagrados paramentos e empunhando o báculo, dirigiu-se para a igreja matriz onde fez a sua entrada solene, observando-se as cerimônias do ritual. Nesta ocasião foi entoado, em ação de graças, um solene Te Deum e dada a bênção ao povo.

À noite, a população toda, sem distinção de religião, fez iluminar as frentes de suas casas. Foi isto uma manifestação que muito penhorou S. Excia., que se referiu à ela e agradeceu essa gentileza por parte de toda a população e sobretudo por parte dos que não eram católicos.

A igreja matriz estava embandeirada em arco e do mesmo modo foi feita a iluminação à noite, dando à sua torre naquela ocasião a aparência de uma grande pirâmide luminosa.

As 7 horas o povo, com uma banda de música, percorreu as ruas numa marcha cívica, ao troar de foguetes e ao clarão de vistosos fogos de bengala, e depois parando em frente à casa do sr. Bispo, S. Excia. Revma. agradeceu aquela manifestação de toda a população de Brusque que, sem a distinção de crenças, o recebia tão gentilmente.

Até tarde da noite, do dia 19, houve grande movimento de gente. No dia seguinte, domingo, a chuva prejudicou muito a afluência de povo à igreja. Às 8 horas da manhã, S. Excia. rezou a missa pontifical e à tarde foi ministrado o sacramento da Crisma a grande número de fiéis.

S. Excia. Revma. recebeu neste dia a visita das pessoas mais gradas do lugar.

O sr. Bispo teve muito boa impressão de Brusque, pois não julgava fosse uma localidade tão desenvolvida e adiantada.

Ontem, 21, foi a visita à capela de N. S. do Caravaggio, na Azambuja, onde disse Missa, com assistência de grande número de fiéis.

Hoje, 22, está continuando a fazer um péssimo tempo. Com certeza, à tarde, ao Crisma, não irá ninguém assistir.

O sr. Bispo tenciona ir amanhã, 23, a Porto Franco, donde pretende voltar 5a. ou 6a. feira, para depois seguir para Barracão e Gaspar; mas, a continuar o tempo, será impossível tal viagem.

GÓVERNADOR CEL. GUSTAVO RICHARD

Em horas já adiantadas da manhã de domingo último, correu na nossa Vila o vago boato da vinda, absolutamente inesperada, do benemérito Sr. Coronel Richard. Mais tarde tornou-se oficial esta agradável e boa notícia, mas infelizmente tarde demais para ainda poder-se decorar condignamente a nossa Vila, para recepção de tão alto e estimado personagem, e ficaram assim hasteadas bandeiras federais e

estaduais, somente no Paço Municipal, na Agência do 2º. Distrito e nas residências dos Coronéis Renaux, Krieger e Bauer.

Achando-se ausente grande número de carros da nossa praça, tornou-se impossível irem ao encontro de S. Excia. todos os seus admiradores e assim tomou crecido número de pessoas o bonde do sr. Cel. Renaux para esperar a vinda de S. Excia., em frente à fábrica de tecidos e nesta ocasião as interessantes meninas Selma Renaux, Lucia e Erna da Gama Schumann ofereceram ao ilustre itinerante bouquets de flores.

Em companhia do Sr. coronel Richard o benemérito diretor da Viação, sr. Antonio Maria Barroso Pereira, o sr. dr. Pedro da Silva, estimado official do Gabinete e o sr. Tte. Euclides de Castro, incansável Ajudante de ordens. Todos os ilustres visitantes aos quais o correspondente envia mais uma vez as boas vindas do povo brusquense, hospedaram-se na residência do sr. Superintendente Krieger, onde foram recebidos ao som do hino nacional, executado pela Banda de Música "Concórdia" e onde foram cumprimentados por inúmeras pessoas gradas, amigos e admiradores.

Infelizmente S. Excia. o sr. governador não poude se demorar no seio da sociedade brusquense senão um dia e ainda assim contra. Apesar de uma chuva bem copiosa durante o dia, foi S. Excia. riado foi pelo mau tempo de segunda-feira, esta visita particular com sua ilustre comitiva visitar as escolas, algumas pontes e mais estabelecimentos do lugar, pondo à disposição do Govern. Municipal diversas quantias como auxílio para certas reformas e construções.

— Seja-me lícito dizer algumas palavras sobre duas, talvez das mais importantes visitas do Exmo. sr. coronel Richard, aqui. Depois de lauto almoço na residência do sr. Cel. Renaux, embarcou S. Excia., comitiva e crecido número de cavalheiros no bonde, para uma visita à fábrica de tecidos. Com o maior interesse o sr. governador percorreu todas as secções da fábrica, recebendo do incansável proprietário minuciosas explicações, desde o preparo do algodão até a fazenda pronta e sendo demonstrada cada operação técnica, especialmente com máquina.

Tivemos assim ocasião de ver pela primeira vez funcionar a turbina e a nova secção de teares de tecelagem.

AZAMBUJA, o bom retiro de todas as vítimas da miséria da vida mundana, a fonte de saúde para milhares de doentes, o apoio e amparo dos órfãos e da velhice, o refúgio dos surdos, cegos, mudos e alienados, Azambuja, o apreciado sítio de numerosas romarias de milhares de peregrinos, foi o ponto de outra excursão. Recebido o sr.

Governador e sua numerosa comitiva pelo benemérito reverendo padre Gabriel Lux, foi oferecido, nos bem modestos compartimentos do Curato, um copo de água, brindando esse verdadeiro apóstolo da caridade, em palavras cheias de comoção, o sr. Cel. Richard, dando também, em curtas palavras, um histórico deste pio estabelecimento, obra de caridade começada com recursos os mais modestos possíveis, pelo bem conhecido padre Antônio. Convidou finalmente ao Sr. governador a colocar a pedra fundamental do novo hospício, cujos trabalhos já estão bem adiantados, cerimônia procedida imediatamente depois de terem assinado todos uma ata e tendo abençoado o padre Gabriel Lux a pedra, conforme o rito católico. Logo em seguida foram percorridas as diversas salas do hospital, ficando o sr. governador visivelmente comovido, ou por tanta miséria oculta neste recinto da misericórdia e do amor ao próximo, ou pelo carinho e esforços do incansável padre Gabriel e das beneméritas freiras do Divino Coração de Jesus.

Avaliando bem e de pleno coração os serviços humanitários prestados pelo Santuário episcopal de Azambuja e sendo agora sabedor das enormes dificuldades pecuniárias do hospital que é mantido somente com esmolas de almas caridosas — o mesmo dando-se com a mais do que necessária construção do novo e bem importante edifício - o generoso Sr. Governador prometeu o seu inteiro e poderoso auxílio para a conclusão de tão importante obra.

Número nove — Tiragem de

Tendo o sr. Governador prometido chegar hoje em Tijucas, nem o mau tempo moveu-o transferir sua viagem. Tendo-se despedido de todos, embarcou às 10 horas para a tão fatigante viagem, acompanhado por crescido número de cavalheiros até a casa do sr. José Morelli, onde lhe apresentaram, mais uma vez as suas despedidas.

BRUSQUETUR

Transporte e Turismo Ltda.

E —

"CASA AVENIDA"

de IRMÃOS HEIL - Comércio

BRUSQUE — Santa Catarina

A continuidade desta Revista somente
será possível com a ajuda de todos os
brusquenses.

Número nove — Tiragem de

— 500 exemplares —

Colaboração financeira integral da

BRUSQUETUR

Transporte e Turismo Ltda.

E

“CASA AVENIDA”

de **IRMÃOS HEIL - Comércio**

BRUSQUE — Santa Catarina

BRUSQUETUR

TRANSPORTE E TURISMO LTDA.

Avenida Lauro Müller, 184 — Caixa Postal, 203

— Fones; 55-0343 e 55-1408 —

CEP 88350 - **BRUSQUE** - SANTA CATARINA

TURISMO NACIONAL E INTERNACIONAL

MODERNOS ÔNIBUS MARCO POLO/SCANIA

— Experiência e atendimento requintados —

BRUSQUETUR Transporte e Turismo Ltda.

“Uma família para lhe servir”

CASA AVENIDA

- DE -

Irmãos Heil - Comércio — O melhor crediário da cidade

Avenida Cônsul Carlos Renaux, 100/102

Tecidos, Confeções, Eléto-domésticos, Pratarias,
Porcelanas, Cristais, Bijouterias, etc.

— ■ —
Visite nossa Galeria de Móveis e decore sua
residência com peças das mais afamadas
fábricas do Brasil

FONES (0473) 56-1366 e 55-1679 **BRUSQUE - SC**